



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO- UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA- CESPD
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA E HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA

MAYARA DE SOUSA OLIVEIRA

**Um olhar acerca da mobilidade lexical na língua Portuguesa: Neologismos,
Estrangeirismo ou Empréstimos linguísticos?**

Presidente Dutra- MA

2022

MAYARA DE SOUSA OLIVEIRA

**Um olhar acerca da mobilidade lexical na língua Portuguesa, a Neologia:
Estrangeirismo ou Empréstimos linguísticos?**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, para obtenção do grau de Licenciado em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Jonh Jefferson Alves

Presidente Dutra – MA

2022

MAYARA DE SOUSA OLIVEIRA

**Um olhar acerca da mobilidade lexical na língua Portuguesa: Neologismos,
Estrangeirismo ou Empréstimos linguísticos?**

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Me. Jonh Jefferson do Nascimento Alves
Mestre em Letras - UERN
(Orientador)

2º Examinador

3 ° Examinador

Oliveira, Mayara de Sousa.

Um olhar acerca da mobilidade lexical na língua portuguesa:
neologismos, estrangeirismo ou empréstimos linguísticos? / Mayara de
Sousa Oliveira. - São Luís, 2022.

... f

Monografia (Graduação) – Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa
e Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade Estadual do Maranhão,
2022.

Orientadora: Prof. Me. Jonh Jefferson do Nascimento Alves.

1.Neologismo. 2.Empréstimo linguístico. 3.Estrangeirismo. 4.Formação
de palavras. I.Título.

CDU: 811.134.3'373/.374

Dedico este trabalho exclusivamente ao
meu Deus,que me desperta a cada
manhã e minha família por ser minha
base de incentivo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela sua infinita misericórdia, seu amor, e sua bondade até aqui o Senhor me ajudou.

À minha família pelo apoio incondicional nesta trájetoria ,gratidão a Deus pela vida de cada um da minha família minha mãe mara weide ,meu pai Raimundo,minha irmã mayane pelo incentivo e seus cuidados a rita kássia e meu irmão thalison Mateus , meu avô João Gomes que sempre acreditou nos meus sonhos e sempre estava disponível para ajudar-me nessa etapa da minha vida e também minha avó Antônia alves que sempre me auxiliou em tudo.

À minha amiga e irmã em Cristo Roza Virgínia , pelas palavras de incentivo por me impulsionar a continuar a continuar a passar por essa etapa final do curso e sempre está me aconselhando sempre instrução de sabedoria de Deus.

Ao meu Orientador John Jefferson por ter sido meu orientador e ter desempenhado tal função com dedicação, contribuição e amizade, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso.

A todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado.

*"A educação é a arma mais
poderosa que você pode
usar para mudar o mundo".
(Nelson Mandela).*

RESUMO

Ao leremos um livro, jornal ou revista, não é raro nos depararmos com um vocábulo do qual não sabemos o significado, alguns deles parecem ser palavras ou expressões estrangeiras, outros o são de fato, mas parecem estar contextualizados no português. Quando isso ocorre podemos simplesmente não conhecer esta palavra e ao buscar e encontrar sua definição aumentar o nosso próprio conhecimento, no entanto também podemos estar diante de três fenômenos linguísticos diferentes: neologismo (surgimento de novo vocábulo na língua ou a reutilização deste de acordo com as regras do sistema linguístico do português), empréstimo linguístico (utilização de vocábulo de origem em outro idioma com adaptações ao idioma receptor, no caso o português) ou estrangeirismo (utilização de vocábulo de origem em outro idioma em sua forma original no português), mesmo que esta classificação não signifique uma separação absoluta visto que os três são fenômenos de inovação e criação lexical englobados todos na neologia, significando apenas fases ou etapas do processo neológico. Novos vocábulos, palavras e expressões, passam a fazer parte do vocabulário do falante contemporâneo do português cada vez mais rapidamente. Este trabalho tem como objetivo observar a ocorrência desses fenômenos na língua portuguesa e ressaltar o seu papel na transformação do nosso idioma e na interação dos seus falantes. Como consequência desse trabalho, esperamos deixar clara a contribuição que a ocorrência de novos vocábulos, ou aquisição de expressões oriundas de outros idiomas, traz para o português.

Palavras-chave: Neologismo. Empréstimo linguístico. Estrangeirismo. Formação de palavras.

ABSTRACT

When reading a book, newspaper or magazine, it is not uncommon to come across a word that we do not know the meaning of, some of them seem to be foreign words or expressions, others are in fact, but they seem to be contextualized in Portuguese. When this happens, we may simply not know this word and by searching and finding its definition, we increase our own knowledge, however we may also be faced with three different linguistic phenomena: neologism (appearance of a new word in the language or its reuse according to the rules of the Portuguese linguistic system), linguistic borrowing (use of a word of origin in another language with adaptations to the receiving language, in this case Portuguese) or foreignism (use of a word of origin in another language in its original form in Portuguese), even This classification does not mean an absolute separation since the three are phenomena of innovation and lexical creation encompassed all in neology, meaning only phases or stages of the neological process. New words, words and expressions are becoming part of the vocabulary of the contemporary Portuguese speaker more and more quickly. This work aims to describe the occurrence of these phenomena in the Portuguese language and highlight their role in the transformation of our language and in the interaction of its speakers. Having as a methodology the consultation of a research corpus formed by magazines aimed at the female public, since the language as a dynamic body that easily includes the three in a similar category, we seek to describe the occurrence of the three phenomena already mentioned, classify them, analyze their formation process and their incorporation into the Portuguese language. In addition, we will also carry out a semantic analysis of the words found to infer which field promotes the greatest number of lexical innovations and, through these data, glimpse the ethos that these publications intend to give their readers. As a result of this investigation, we hope to make clear the contribution that the occurrence of new words, or the acquisition of expressions from other languages, brings to Portuguese.

Keywords: neologism; language loan; foreignism; word formation, women's magazines, morphology.

LISTA DE TABELAS

QUADRO 1 – Estrangeirismos de origem ibérica	19
QUADRO 2 - Estrangeirismos de origem céltica	20
QUADRO 3 - Estrangeirismos de origem latina	20
QUADRO 4 - Estrangeirismos de origem grega	20
QUADRO 5 - Estrangeirismos de origem árabe	21
QUADRO 6 - Estrangeirismos de origem francesa	21
QUADRO 7 - Estrangeirismos de origem italiana	22
QUADRO 8 - Estrangeirismos de origem indígena	23
QUADRO 9 - Estrangeirismos de origem africana	24

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ANÁLISE HISTÓRICA: A língua e suas modificações	13
2.1 Os fenômenos de criação e inovação lexical e suas definições	15
2.2 Os tipos de neologismo e sua formação	16
2.3 Os tipos de empréstimo linguístico e sua formação	17
2.4 Os tipos de estrangeirismo e sua formação	18
3 ESTRANGEIRISMOS INCORPORADOS AO PORTUGUÊS JÁ DEPOIS DE SUA CONSTITUIÇÃO	22
3.1 Globalização e tecnologia impactando no uso diário da língua	24
4 O FENOMENO DA CRIAÇÃO OU MOBILIDADE: A nealogia e o Estrangeirismo	26
4.1 O processo de criação lexical	28
5 CONCLUSÃO	33
BIBLIOGRAFIA	34

1 INTRODUÇÃO

Devemos notar que o conceito de palavra não é tão simples e tem sido alvo de muitos estudos linguísticos ao longo dos anos. Para Biderman (1998) é a partir dela (a palavra) que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas, revelando pela linguagem um universo significativo criado pela denominação destas realidades. Há quem faça uma clara distinção entre a palavra morfológica e a fonológica, como Câmara Júnior. (1975) que distingue as morfológicas quanto ao seu uso como nome (substantivos, adjetivos e verbos) ou funcionais (preposições e conjunções) das fonológicas que se subdividem em acentuadas, não acentuadas ou clíticos.

Um outro conceito possível de acordo com Correia e Almeida (2012) é a palavra gráfica, que é aquela cuja sucessão de caracteres é delimitada por espaços em branco. Correia e Almeida também demonstram que existem unidades de sentido que são maiores do que a forma gráfica, como as locuções e os compostos gráficos e também de tamanho inferior, como as raízes e os afixos, denominadas também como unidades infra-lexicais. Todas estas definições mostram que o léxico é um sistema onde se encontram registradas as palavras que são utilizadas em determinada língua, porém os autores não definem que esse sistema seja finito ou limitado.

“O acervo lexical de todas as línguas vivas se renova” (ALVES, 2007 p.5) nesse processo de renovação, algumas palavras deixam de ser utilizadas, caracterizando um fenômeno conhecido como arcaísmo, enquanto outras são criadas pelos falantes ou ainda assimiladas por uma comunidade linguística, que são os chamados neologismos, estrangeirismos ou empréstimos que serão objeto de estudo deste trabalho.

A neologia, por exemplo, é o fenômeno que proporciona o aumento do léxico. De acordo com Corrêa (1998), ela é tradicionalmente entendida como denominadora de dois conceitos distintos:

- a) a capacidade de renovação do léxico pela incorporação e criação de unidades novas (os neologismos) de forma tanto consciente quanto inconsciente, utilizando-se de recursos e de mecanismos de formação de palavras da língua.

b) É entendida como o estudo (por meio de observação, registro, datação, descrição e análise) dos neologismos que surgem na língua.

Levando-se em consideração aqui a acepção (a), temos dentro deste fenômeno mecanismos que colaboram com o crescimento do léxico do português, como por exemplo, a derivação e a composição, mecanismos originários do latim, de acordo com Ribeiro e Klein (2010), além da possibilidade de herdar unidades lexicais através de empréstimos devido às relações com outros povos e culturas.

O processo de aumento do léxico também pode se dar por processos de produtividade e criatividade lexical. Os processos de produtividade e empréstimo lexical, isto é, como a capacidade inerente ao sistema linguístico de construção de palavras por meio de processos internos e sistemáticos e a capacidade do falante de alargar o sistema linguístico, respectivamente.

É nessa perspectiva que observamos o uso e a confirmação ou reconhecimento de existência que são os neologismos, os estrangeirismos ou os empréstimos linguísticos. Como eles estão presentes na língua e são cada vez mais numerosos. É buscando refletir sobre essa dinâmica da necessidade sempre presente de novos vocábulos na língua corrente que este trabalho é feito.

2 ANÁLISE HISTÓRICA: A língua e suas modificações

Desde que se estabeleceu a possibilidade comunicativa, cada grupo ou comunidade humana criou seu próprio código linguístico. Pela interação de seus membros, as regras eram transmitidas, ou seja, com o seu uso é que os falantes adquirem a habilidade plena para se comunicar.

Sendo assim, a língua é um instrumento social objeto de um grupo de pessoas. São essas pessoas, que podemos chamar de falantes, que seguindo ou modificando as regras estabelecidas exercem o controle sobre a língua, todos são livres dentro das possibilidades oferecidas por ela para escolher a forma que vão utilizá-la para se expressar.

Segundo Saussure (2007), a língua é um produto social da faculdade da linguagem adotado pelo coletivo de modo a permitir o exercício dessa faculdade aos indivíduos seguindo um conjunto de convenções necessárias. Segundo o autor, “é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (p. 22).

Podemos então estabelecer que a língua é um conjunto de normas que permitem aos indivíduos a produção de enunciados que possibilita a transmissão dos seus pensamentos e emoções e a compreensão deles pelos demais membros do seu grupo social. Tem um caráter social e um sistema organizado de símbolos e marcas sonoras para a sua compreensão.

Ao passo que o surgimento de novos vocábulos é virtualmente inevitável nos dias de hoje, temos também a questão da língua como identidade cultural de um dado número ou grupo de pessoas. Assim sendo, a língua é um patrimônio, que guarda marcas históricas, geográficas, políticas e filosóficas de cada povo, segundo Bakhtin (2006).

Há quem sustente que adotar vocábulos oriundos de outro idioma, denota uma dependência ou inferioridade do primeiro em relação ao segundo. Ainda mais quando já há no vernáculo a possibilidade de utilizar uma expressão equivalente à nova, como por exemplo moda e o vocábulo correspondente em inglês *fashion*, onde atualmente há em português o que podemos considerar um pleonâsmo *moda fashion*, com o intuito de diferenciar a moda como um costume ou algo de gosto disseminado, comum das novidades criadas a cada estação pela indústria da moda.

Também existe o fato de que em alguns casos, por exemplo, no caso do neologismo, não se trata de algo vindo de outro idioma, mas sim de uma reorganização de vocábulos que originam outro para suprir a necessidade comunicativa.

Atualmente, há um intenso debate, graças à profusão das formas de comunicação e do advento da tecnologia, sobre até que ponto deve-se permitir que a língua seja moldada para a utilização nesses novos meios de se comunicar. Isso muitas vezes passa por um crivo xenofóbico, que é a aversão às coisas estrangeiras, atribuído aos novos vocábulos, palavras e expressões, que não tem nenhuma culpa de passarem a fazer parte do vocabulário comum e vigente do falante atual do português por exemplo.

É importante traçar um histórico mostrando que o próprio idioma, em nosso caso o português, é uma transformação de um outro, o latim. A necessidade de se refletir sobre o que é contribuição genuína e enriquecedora e descrever os tipos em que tal ampliação do vocabulário se dá, ou seja, se essa contribuição se dá por meio da criação de novos vocábulos, se ocorre por empréstimo e que tipo de empréstimo e quais são as línguas em que os falantes mais buscam novos vocábulos é a linha a ser adotada neste trabalho.

A compreensão do idioma vem do seu uso corrente, ela independe do grau de instrução, classe social, credo ou região em que se vive. Desde o surgimento da comunicação por meio da fala, há milhares de anos, estabeleceu-se a possibilidade da socialização e transmissão de ideias e conceitos. Porém, a etapa seguinte na comunicação, a escrita, leva muito tempo até ser desenvolvida, ainda que uma etapa não seja superior a outra, mas sim fases do processo de comunicação e transmissão de conhecimento.

Uma língua, seja ela qual for, não sobrevive intacta ao contato com outras civilizações de idiomas diferentes. De acordo com Faraco (2007), as línguas humanas não constituem uma realidade estática, elas têm sua configuração estrutural alterada continuamente no tempo. A língua ou idioma é um instrumento social pertencente e utilizado por um grupo de pessoas. São essas pessoas, os falantes, que seguindo ou modificando as regras estabelecidas têm o controle sobre a língua, onde cada um é livre dentro das possibilidades oferecidas pela língua para escolher a forma que vai utilizá-la para se expressar, conforme defende Saussure (2007).

2.1 Os fenômenos de criação e inovação lexical: A nealogia

A nealogia é o termo que refere-se a todos os fenômenos novos que atingem uma língua. No nível lexical, foi definido por Guilbert (1975, p.31), que produziu relevantes estudos sobre a nealogia lexical, como a possibilidade de criação de novas unidades lexicais, em razão das regras de produção incluídas no sistema lexical. O autor também considera neológicas as inovações lexicais recebidas de outros idiomas, os empréstimos.

Outro importante estudioso da nealogia, Jean-Claude Boulanger (1979), definiu a nova unidade lexical, o neologismo, como "uma unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema lingüístico estrangeiro e aceito numa língua" (BOULANGER, 1979, p.65-6). Diz-nos Machado (1989), em seu Dicionário etimológico da língua portuguesa (MACHADO, 1989, v.4, p.207), que a oitava edição do Dicionário da língua portuguesa, de Moraes, registra o termo neologismo, no século XVIII, em Filinto Elísio.

O Grande dicionário português ou Tesouro da língua portuguesa, de Frei Domingos Vieira (1871-1874, v.4, p.425), registra os termos neologia - "invenção ou introdução de termos ou locuções novas em um idioma" -, neologismo - "inovação de palavras e frases" - e neólogo - "o que usa com freqüência de termos novos; o que afeta uma linguagem nova". O conceito de neologia, no entanto, é muito anterior ao aparecimento do termo, pois acompanha o desenvolvimento do acervo lexical de todas as línguas.

Na língua portuguesa, encontramos várias referências à atividade neológica nos estudos sobre a história da língua. Escreve Hauy (1989, p.44-7) que, na fase arcaica da língua, o léxico português é enriquecido com vários estrangeirismos (galicismos, provençalismos e grecismos) e também com formações vernáculas, sobretudo de caráter nominal. Paiva (1988, p.27-8) refere-se aos neologismos incorporados no período quatrocentista: latinismos, muitos deles recolhidos por Rodrigues Lapa em *O leal conselheiro*, cujo autor, D. Duarte, aportuguesa e adapta-os à pronúncia e à ortografia da época; e estrangeirismos de diferentes origens - galicismos, italianismos, hispanismos.

A partir do século XVI, a expansão navegadora dos portugueses, a colonização e o contato com os povos conquistados não somente difundem a língua

portuguesa como também tornam-na suscetível à influência de outras línguas, sobretudo as faladas no Oriente. No português do Brasil, especificamente, a influência indígena no nível lexical começa a se tornar importante nesse século e, com a vinda dos escravos africanos, é também relevante, a partir do século XVII, a contribuição do legado lexical africano (SPINA, 1987, p.21-4).

A literatura brasileira, que no século XV assinala os reflexos da contribuição vocabular dos elementos africano e indígena, registra também, no século XIX, o recurso da inovação lexical. Tal recurso, acentuado por autores românticos do porte de José de Alencar e de Joaquim Manuel de Macedo, é também característico da obra dos poetas simbolistas e de autores como Rui Barbosa (MARTINS, 1988, p. 17-33).

O século XX registra, no nível lexical, a criação de numerosos neologismos formados por processos vernaculares (derivação e composição) que se introduzem na língua geral e constituem uma marca específica de alguns romancistas e poetas, como os brasileiros Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Cassiano Ricardo, Gilberto Mendonça Telles, entre outros. A introdução de empréstimos - de origem inglesa, sobretudo - torna-se cada vez mais marcante com o desenvolvimento técnico-científico.

2.2 Os tipos de neologismo e sua formação

A partir da década de 1950, aparecem, em francês, estudos de caráter neológico, trabalhos que, na verdade, seguem o desenvolvimento dos métodos da análise estrutural e da Lexicologia como subárea da Lingüística. A esse respeito, lemos em Dubois (1962): "Embora o progresso da lingüística sincrônica e dos métodos de análise estrutural permita um conhecimento mais completo dos fenômenos lexicais e a utilização de meios técnicos aperfeiçoados imprima mais segurança às conclusões da Lexicologia, a própria definição de seus princípios e de seus termos essenciais ainda sofre hesitações e incertezas inerentes a uma ciência no início de seu desenvolvimento".

O primeiro trabalho lexicológico dedicado à análise neológica, de autoria de Peter Wexler, descreve a formação, em francês, do vocabulário das ferrovias. Publicado em 1955, esse trabalho pioneiro possibilitou, segundo as palavras de Guilbert, o desenvolvimento de outros trabalhos em que, no âmbito de um

vocabulário técnico bem circunscrito em relação ao conjunto do léxico e bem delimitado quanto ao desenvolvimento histórico da língua, "era possível seguir com precisão como, a um significado novo, ligava-se um novo significante" (1965a, p.7).

Ao estudo inovador de Wexler seguiram-se vários outros, dentre os quais podemos citar: *Le vocabulaire politique et social en France de 1869 à 1872*, de Dubois (1962); *La formation du vocabulat de l'aviation*, de Guilbert (1965a); *Le vocabulaire de l'astronautique*, também de Guilbert (1965b). Nesses trabalhos, o vocabulário técnico ou científico é descrito morfológica e semanticamente. São enfatizados os processos de formação que originam as unidades lexicais neológicas, assim como as relações semânticas (campos semânticos, campos nacionais, sinônimos, antônimos, relações hiperonímicas e hiponímicas) que essas unidades neológicas estabelecem.

Nessa fase, portanto, a atividade neológica reflete as duas vertentes vinculadas à Lexicologia, disciplina de caráter estrutural: Morfologia e Semântica lexical.

2.3 Os tipos de empréstimo linguístico e sua formação

De acordo com Azeredo (2010, p. 393-4), "quando a língua portuguesa começou a ser escrita – nos fins do século XII ou início do século XIII – seu léxico reunia cerca de 80% de palavras de origem latina e outros cerca de 20% de palavras pré-romanas, germânicas e árabes". Trata-se do acervo vocabular que se pode denominar hereditário, isto é, aquele surgido com o idioma, que a ele forneceu padrão fonético e morfológico.

A partir daí, diversos fatores colocaram o português em contato com várias outras línguas ao redor do planeta. Como resultado disso, a adoção de numerosas palavras pertencentes a esses idiomas, num processo de enriquecimento contínuo, que ainda hoje se verifica. Nesse sentido, a língua portuguesa ostenta, em seu pecúlio lexical, vocábulos provenientes de sistemas linguísticos tão diferentes quanto o latim, o provençal, o catalão, o holandês, o hebraico, o persa e o quíchua ou o grego, o chinês, o turco, o sânscrito, o japonês, o alemão e o russo, sem falar em idiomas bem mais familiares, como o inglês, o francês, o espanhol e o italiano, os quais, juntamente com muitos outros, ajudaram a moldar esse heterogêneo mosaico que é o léxico português.

É preciso não esquecer, contudo, que a acolhida de unidades lexicais estrangeiras pelo português apresenta igualmente a sua contrapartida. Dessa forma, também se encontram, nos acervos lexicais de muitos sistemas linguísticos, lexemas de proveniência portuguesa, recebidos especialmente durante o período dos Grandes Descobrimentos, momento áureo da hegemonia lusitana no mundo.

O fato de esse contingente ser pouco expressivo bem como os motivos de o português importar mais palavras do que exportá-las poderão ser satisfatoriamente explicados por razões extralingüísticas, pois, como oportunamente esclarece Langacker (1972, p. 188), “os caminhos do empréstimo lexical refletem até certo ponto os caminhos da influência cultural”.

Lembre-se ainda com Tagliavini (1993, p. 373) que “os empréstimos servem admiravelmente para reconstruir a história cultural de uma nação e suas relações com os outros povos, e não faltaram obras em que se ilustra a história da cultura precisamente através dos empréstimos”.

2.4 Os tipos de estrangeirismo e sua formação

Em discussão sobre o tema estrangeirismo, Machado (1994, p. 14) diz: “Não deve haver idiomas sem estrangeirismos e alguns destes também em Português não são de hoje nem de ontem, pois já tem idade de vários séculos [...].” Essa percepção de Machado quanto ao fato de que a presença de estrangeirismos na língua portuguesa é algo que remonta a uma fase bem anterior da língua portuguesa muito vem reforçar a discussão aqui empreendida quanto ao fato de que a presença de estrangeirismos nesta língua não ser um fato de pouca regularidade.

Também a percepção dessa presença de vocábulos oriundos de outras línguas na constituição da língua portuguesa não é recente, pois, já no ano de 1606, Duarte Nunes de Leão, em sua obra *Origem da Língua Portuguesa*, já identificava esse tipo de vocábulos em português, embora ainda não empregasse o termo estrangeirismo. Assim, nesta seção, serão apresentados alguns exemplos de estrangeirismos presentes na língua portuguesa apontando, também, a sua origem e o contexto sócio-histórico-cultural em que eles se enquadram.

Antes mesmo de dar origem à língua portuguesa, o latim já possuía vocábulos emprestados de outras línguas, os quais, posteriormente, foram transmitidos ao léxico português. Segundo Coutinho (1976, p. 189), “As palavras de procedências

várias, que nos foram transmitidas pelos romanos, como as ibéricas, célticas, germânicas etc., foram primeiro alatinadas”.

Ainda segundo Coutinho (loc. cit), “Os vocábulos de origem ibérica, que se acham incorporados ao português, decorrem, em sua maior parte, do basco.” Veja no quadro abaixo algumas das palavras de origem ibérica indicadas por Coutinho:¹ abarca bezero arroio bizarro baía cama balsa esquerdo barro garra QUADRO 1 – Estrangeirismos de origem ibérica. Outros vocábulos de origem pré-romana que constituem o léxico português são de origem céltica, os quais são muito antigos, pois penetraram no latim quando os romanos entraram em luta com os gauleses da Itália (século IV a.C.).

A maioria, porém, é de introdução mais recente, pois data da conquista da Península Ibérica ou da Gália. (COUTINHO, 1976, p. 189). Muitos desses vocábulos se encontram incorporados ao português, sendo que, de tão comum ser o seu emprego no nosso dia-a-dia, já nem percebemos essa sua origem estrangeira. No quadro a seguir são apresentados alguns desses exemplos, em conformidade com Coutinho (1976, p. 189): Bico, carpinteiro, Cabana, carro, Cambiar, cerveja Caminho, duna, Camisa, gato. QUADRO 2 - Estrangeirismos de origem céltica Dentre os vocábulos estrangeiros apontados por Leão (1983, p. 235) muitos são de origem latina, dentre os quais se apresentam os abaixo:

Ainda segundo Coutinho (1976), “Os vocábulos de origem ibérica, que se acham incorporados ao português, decorrem, em sua maior parte, do basco.” Veja no quadro abaixo algumas das palavras de origem ibérica indicadas por Coutinho:

abarca	bezero
arroio	bizarro
baía	cama
balsa	esquerdo
barro	garra

QUADRO 1 – Estrangeirismos de origem ibérica

Outros vocábulos de origem pré-romana que constituem o léxico português são de origem céltica, os quais são muito antigos, pois penetraram no latim quando os romanos entraram em luta com os gauleses da Itália (século IV a.C.). A maioria, porém, é de introdução mais recente, pois data da conquista da Península Ibérica ou

da Gália. (COUTINHO, 1976, p. 189). Muitos desses vocábulos se encontram incorporados ao português, sendo que, de tão comum ser o seu emprego no nosso dia-a-dia, já nem percebemos essa sua origem estrangeira. No quadro a seguir são apresentados alguns desses exemplos, em conformidade com Coutinho (1976, p. 189):

Bico	carpinteiro
Cabana	carro
Cambiar	cerveja
Caminho	duna
Camisa	gato

QUADRO 2 - Estrangeirismos de origem céltica

Dentre os vocábulos estrangeiros apontados por Leão (1983, p. 235) muitos são de origem latina, dentre os quais se apresentam os abaixo:

abegoaria – de pecuária	deitar – de jectare
adestrar – de Dexter	desabrate – de disparatum
adro – de atrium	dobrar – de duplicare
arreijar – de radicare	mexer – de misceo, -es
assoprar – de sufflare	molho – de manipulus

QUADRO 3 - Estrangeirismos de origem latina

Noutro momento – no capítulo IX –, Leão (1983, p. 241-242) continua a sua apresentação de palavras que compõem o léxico da língua portuguesa, mas que vieram de empréstimos de outras línguas, configurando-se como palavras estrangeiras. As palavras da vez são as originadas da língua grega, tais como:

alampada – de lampas, dis	fragata – forte ab aphrata
caixa – de capsa	goivo – de leucoio
crónica – de chronos	guitarra – de cythara
espada – de spatha	harmonia – de harmonia
esquerdo – de sinister	mecha – de mixus

QUADRO 4 - Estrangeirismos de origem grega

Além destes, Leão (1983, p. 243-249) também aponta, no léxico português, vocábulos de origem árabe, como consequência do longo período em que os árabes dominaram a Península Ibérica. Este autor traz, dentre outros, os seguintes exemplos:

açafrão	açude
acelga	alfândega
açofar	alforria
açúcar	alfazema
açucena	algodão

QUADRO 5 - Estrangeirismos de origem árabe

É, portanto, significativa a presença desses vocábulos estrangeiros na língua portuguesa já em sua fase inicial, os quais são resultados da “herança” lexical que o português tem do latim. Essa presença pode, ainda, ser realçada se se considerar que as línguas que foram aqui citadas como contribuindo com a formação lexical do latim – e por consequência do português – são alguns exemplos – talvez os mais significativos –, não constituindo todos.

Uma vez que não se visa à exaustão, esses exemplos serão considerados suficientes para ilustrar a presença de estrangeirismos nesse momento da língua portuguesa. Outros estrangeirismos, no entanto, serão incorporados em suas fases seguintes.

3 ESTRANGEIRISMOS INCORPORADOS AO PORTUGUÊS JÁ DEPOIS DE SUA CONSTITUIÇÃO

A constituição da língua portuguesa não cessou a incorporação de vocábulos estrangeiros, uma vez que ela continuou mantendo contato com outras línguas. A história da língua portuguesa revela, portanto, uma longa trajetória de assimilação lexical de línguas que lhes são estranhas, ou melhor, de palavras estrangeiras, identificando-se desde elementos pré-romanos a elementos que passaram a compor o seu léxico já a partir do século XV: Constituída nos fins da Idade-Média (sic) com elementos célticos, latinos, gregos, árabes e góticos, a língua portuguesa tem recebido nos últimos cinco séculos as mais variadas contribuições, desde a influência do francês, até á (sic) do tupi, do quinchua, do caraíba, na América; do quimbundo e dialectos cafreais, na África; do chinês, do tâmul, do malaio, na Ásia e na Oceania. (FIGUEIREDO, 1938, p.8).

Com relação aos estrangeirismos provenientes da França, Teyssier (2007, p. 40) assim os caracteriza: A influência da língua d'oïl e da língua d'oc é muito forte durante o período do galego-português, e explica-se por uma série de causas convergentes: presença da dinastia de Borgonha, implantação das Ordens de Cluny e de Cister, chegada a Portugal de numerosos franceses do Norte e do Sul, influência direta da literatura provençal, etc. Daí os numerosos empréstimos vocabulares [...]. São vocábulos de origem francesa, segundo Leão (1983, p. 251-262):

São vocábulos de origem francesa, segundo Leão (1983, p. 251- 262):

abaixar – abaisser	arpa – arpe
abater – abattre	arrancar – arrancher
abrasar – abraser	assaz – assez
acabar –achever	aviser – avisar
acostar – acoster	balança – balance

QUADRO 6 - Estrangeirismos de origem francesa

Muitos, também, são os vocábulos que constituem o léxico português oriundos da língua italiana, dentre os quais Leão cita (1983, p. 263-267):

abastança – bastanza	desenho – dissegno–
atiçar – atizzare	Estandarte-stendardo
atilado–attilato	Estragar-stratiare
barril-barrile	falar -favellare
Baixo -basso	Pavilhão-padiglione

QUADRO 7 - Estrangeirismos de origem italiana

Além desses vocábulos oriundos do latim e/ou via latim e de outros incorporados a partir do contato com outras línguas europeias, a difusão o português por outros continentes também foi responsável por seu enriquecimento vocabular, como afirma Figueiredo (1938, p.8): “A difusão do domínio português em terras descobertas ou conquistadas por nós determinou uma larga assimilação, natural e geralmente benéfica, da lexicologia da região conquista ou descoberta.”

No Brasil, por exemplo, a língua portuguesa esteve em contato, a partir do século XVI, com as línguas indígenas e com as línguas dos negros africanos que para cá vieram. Esse contato resultou na incorporação ao léxico do português de um grande número de palavras, como as presentes no quadro a seguir retiradas de (Houaiss 1985, p. 58-65), a partir das inúmeras que ele indica:

Abacaxi	Aguapé
Abaeté	Aipim
Acará	Anajá
Acauã	Ananá
açaí	Anhaguera

QUADRO 8 - Estrangeirismos de origem indígena

O contato do português com a língua dos africanos também trouxe um grande número de vocábulos para o seu léxico, como se identifica nas palavras a seguir de Ilari e Basso (2009, p. 74): “O que está fora de dúvida é que o português do Brasil tem enorme dívida para com as línguas africanas, que se manifesta particularmente na assimilação de palavras originadas do quimbundo e do iorubá.” Dentre as palavras que esses autores apresentam como sendo de origem africana, estão as do quadro abaixo:

bambá	Cacimba
banzo	Caçula
bengala	Cafuné
bunda	Calombo
cachimbo	Cambada

QUADRO 9 - Estrangeirismos de origem africana

Em épocas mais recentes, a língua portuguesa continuou/continua incorporando palavras oriundas de outras línguas, mas não das mesmas línguas com as quais o latim (antes da origem daquela) esteve em contato ou com as diversas línguas com as quais entrou em contato ao longo dos séculos de expansão ultramarina e seguintes (XV, XVI e XVII), numa demonstração de que o estrangeirismo em língua portuguesa pode ser associado ao contexto sócio-histórico e cultural do qual ela faz parte.

3.1 Globalização e tecnologia impactando no uso diário da língua

Como temos visto, nenhuma civilização se manteve totalmente isolada das demais e a globalização, que coincidentemente é um neologismo, sempre esteve presente na história da humanidade. Segundo Houaiss (2012), “Globalização”. Def. 2. “Processo pelo qual a vida social e cultural nos diversos países do mundo é cada vez mais afetada por influências internacionais em razão de injunções políticas e econômicas”. Ou seja, as interações humanas desde sempre estiveram contidas nessa definição, porém apenas no início do século XXI se alçou ao patamar global, atingindo uma significação mais plena, ajudada pela facilidade nas comunicações e de deslocamento.

Atualmente, com o fim das fronteiras geográficas e temporais tem sido facilitado pela presença da internet, segundo Branco (2011, p. 237), “As fronteiras geográficas foram enfraquecidas e os povos e línguas estão, pelo menos aparentemente, mais próximos uns dos outros. As pessoas – principalmente as classes mais privilegiadas- têm acesso à informação, produtos e tecnologia com maior facilidade”.

O comportamento do brasileiro, que valoriza muito tudo o que é novidade, principalmente quando provém de países desenvolvidos, tem suas bases numa cultura que vem desde a era colonial quando os produtos vindos da Europa eram além de tecnologicamente mais avançados um indicador de posição social e prestígio dos colonos. (cf. MOTTA, 1997).

Tal costume se estende também à língua portuguesa. Até hoje muitos vocábulos são emprestados, importados e assimilados, mesmo com a presença de um equivalente em português perfeitamente capaz de suprir a função comunicativa do vocábulo importado como, por exemplo, *deletar*, que é um empréstimo derivado no português do vocábulo inglês *delete*, que significa apagar, mas como está associado à uma inovação tecnológica, a informática, parece muito mais pertinente que se use o vocábulo estrangeiro uma vez que o seu meio de uso também não é um produto nacional.

No entanto, o uso de qualquer um dos recursos de criatividade lexical aqui demonstrados não são prejudiciais ao idioma e não tem nada a ver com soberania político-econômica. A assimilação de vocábulos pelas diversas línguas vem desde sua criação, sem que, no entanto, esta característica tenha contribuído para a decadência ou desaparecimento. Graças a essas trocas, o léxico, neste caso o português, se fortaleceu e permanece vivo e pungente. O

que ocorre é que diante da possibilidade de interação mais fácil entre os cidadãos do mundo e das trocas tecnológicas estarem mais efusivas atualmente, temos a impressão de que a língua portuguesa vem sendo invadida por vocábulos estrangeiros, quando na verdade essa é uma característica do próprio idioma.

4 O FENOMENO DA CRIAÇÃO OU MOBILIDADE: A nealogia e o Estrangeirismo

Como visto, o estrangeirismo e o empréstimo linguístico são fases de um mesmo processo. O estrangeirismo é a utilização de vocábulos oriundos de outras línguas dentro da estrutura de outra língua pela falta de equivalentes em língua nativa. Em nossa pesquisa, por exemplo, estamos tomando os estrangeirismos presentes nas publicações que fazem parte do corpus. O vocábulo que passa a ser utilizado, porém, não é parte da língua nativa, será sempre considerada uma palavra estrangeira.

De acordo com Alves (2007), encontramos facilmente o estrangeirismo em vocabulários técnicos (esportes, economia, informática). Também é comum na publicidade e no colunismo social. Ao usar um estrangeirismo, o emissor muitas vezes tem consciência de que ele poderá não ser compreendido pelos seus receptores, por isso, nesses contextos, a palavra estrangeira aparece acompanhada de tradução ou até mesmo de uma definição de seu significado.

Como exemplo temos o vocábulo haters que no corpus foi encontrado acompanhado da sua explicação como segue abaixo: “Ela recebe uma avalanche de ofensas chulas. Nos *haters* (os odientes), bate de volta cravando novas imagens hilárias.” (Claudia, ano 57, n.º 1 janeiro 2018- Inspiração- p. 28). Já de acordo com Ferreira (2010, p.879), estrangeirismo é: “1. Emprego de palavra, frase ou construção sintática estrangeira; peregrinismo; 2. a palavra, frase ou construção assim empregada”.

Para Câmara Junior. (2004, p.111), os estrangeirismos são os empréstimos vocabulares não integrados na língua nacional, revelando-se estrangeiros na grafia, nos fonemas, na flexão, ou os vocábulos nacionais empregados com a significação dos vocábulos estrangeiros de forma semelhante. Segundo o autor, os estrangeirismos mais frequentes atualmente são os galicismos e os anglicismos. Segundo ele, “o vocábulo estrangeiro, quando é sentido como necessário, ou pelo menos útil, tende a adaptar-se à fonologia e à morfologia da língua nacional; o que para nossa língua vem a ser o aportuguesamento” (CAMARA JR. 1970/ 2004, p.111).

Ele acredita que basear a diferença entre estrangeirismos e empréstimos unicamente na maior ou menor sensação de naturalidade caracteriza uma definição

imprecisa. Com relação aos anglicismos especificamente, ele os classifica em sintático ou lexical.

Os anglicismos sintáticos podem ocorrer: (i) por antecipação de um adjetivo ao substantivo a que se relaciona, sem o intuito que essa colocação tem em português, mas com valor descriptivo. Por exemplo: “Majestoso Hotel”; (ii) pelo emprego de um substantivo com função de adjetivo, porque anteposto a este exemplo: “Rio Hotel”; (iii) pelo emprego de uma proposição isolada do nome que rege, por exemplo: “capas com e sem forro”.

Bechara (2009, p.599) define o estrangeirismo como o “emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua”. Sua definição nos mostra que os estrangeirismos lexicais entram no idioma por um processo natural de assimilação de cultura ou proximidade geográfica. O autor também explica que a introdução de uma palavra estrangeira para substituir uma vernácula em geral se explica pela “debilidade funcional da palavra ameaçada de substituição”.

Bechara (2009) também afirma que essa relação de influência mútua, essa interpenetração se dá com mais rapidez e facilidade porque no mundo moderno existem inúmeras maneiras de estarmos em contato com outras nações e culturas. Ele também aponta que os estrangeirismos de maior frequência são os francesismos ou galicismos (de língua francesa), os anglicismos (de língua inglesa), os espanholismos ou castelhanismos (de língua espanhola), os italianismos (de língua italiana).

Esse autor propõe a organização dos empréstimos lexicais em dois grupos: (i) o das palavras que ele chama de empréstimos, que se assimilam à língua que as recebe e só serão reconhecidas por pessoas que conhecem a história (como as palavras “guerra”, do alemão “werra” e “detalhe” do francês “détail”); (ii) o dos estrangeirismos, que “se apresentam na vestimenta estrangeira” (palavras como *ballet* e *footing*) ou “se mascaram de vernáculos” (como “*maiô*” e “*abajur*”), conforme denomina. Para ele, “o vocábulo empréstimo abarca essas duas noções e se aplica tanto aos estrangeirismos lexicais quanto aos sintáticos e semânticos” (p.599).

Para Castilho (2010), é o contato direto entre os povos que possibilita a entrada de palavras em determinada língua, que chama de empréstimos. Já os estrangeirismos são palavras que entram por contato indireto. Em relação aos empréstimos para o português, como exemplo, temos palavras oriundas do árabe,

como “almoxarife” e “alfafa”; de línguas indígenas, como “pajé” e “caipira”; e de línguas africanas, como “bagunça” e “cachaça”.

Para este pesquisador, consideraríamos como estrangeirismos as palavras francesas, espanholas e norte-americanas que entraram no vocabulário do português brasileiro sem que houvesse contato direto com a nossa cultura. Em uma época como a atual de globalização, dois movimentos contrários acabam se formando: a repulsa pelos estrangeirismos, como forma de sustentar a identidade linguística, versus a sua incorporação.

4.1 O processo de criação lexical

Para efeitos de observação, trouxemos uma breve definição dos tipos de mecanismos de criação lexical mais encontrados na literatura e que são parâmetros de classificação para estudos vocabulares.

Composição

De acordo com Villalva (1995) e Rocha (2003), este tipo de formação se realiza pela combinação de palavras que já existem para a formação de um novo vocábulo, com exceção das criadas pelos eruditos, utilizando-se material grego ou latino de forma pura para suprir uma necessidade técnico-científica. Ex: pé de galinha, amor-perfeito, amor platônico. De acordo com Alves (2007), o processo também ocorre pela justaposição de bases autônomas ou não autônomas.

O resultante desta junção funciona morfológica e semanticamente como um elemento só e não tende a apresentar formas recorrentes, distinguindo-os assim das unidades compostas por derivação, além de revelar um caráter sintático subordinativo ou coordenativo.

Derivação

Esse fenômeno é, de acordo com Basílio (2004), em princípio e de forma geral, um processo que se guia pela necessidade de expressão das categorias nacionais, com ou sem contraparte sintática, porém de caráter fixo. Este fenômeno se apoia nas funções dos afixos que têm funções sintático-semânticas definidas, que

dão um limite às possíveis formações. Quanto maior for a generalidade e o alcance e pré-disponibilidade do afixo para a formação, maior será a sua produtividade. Podemos tomar como exemplo desse processo as formações que designam “nomes de agente” como: varredor, jogador e madrugador. Também é uma característica desta formação a mudança de classe da palavra resultante. Nos exemplos utilizados o sufixo formador de nomes de agente –or foi adicionado à base do verbo resultando em um substantivo.

Alves (2007) define este mecanismo como a atribuição pelo sufixo, como elemento não autônomo e recorrente, à palavra-base a que se associa uma ideia acessória alterando com frequência a classe gramatical para o vocábulo resultante.

Kehdi (2003) define a derivação como o mecanismo no qual um vocábulo é formado por apenas um radical ao qual se anexam os afixos (prefixos e sufixos). Exemplos: a) repor= re (prefixo) + por (verbo), b) felizmente= feliz (adjetivo) + mente (sufixo).

Também existem variações da derivação como a chamada derivação regressiva e a derivação regressiva que resulta em abreviação, ainda segundo Basílio (2004).

A derivação regressiva se caracteriza pela formação de uma palavra com a supressão de um elemento do vocábulo original, geralmente de uma sequência tônica, e a palavra resultante não tem o mesmo significado ou uso da originária, por exemplo: agito (agitador), repasse (repassar), venda (vender), escolha (escolher).

A abreviação também resulta da supressão de partes da palavra, porém essas partes suprimidas são na maioria das vezes imprevisíveis. Também há a redução, onde uma parte da palavra passa a ser utilizada como um todo, exemplo: boteco no lugar de botequim.

É possível ainda, por meio da derivação a partir de bases conhecidas pelo falante, a geração de itens lexicais, de acordo com Rocha (2003). O autor classifica essa possibilidade de acordo com os itens gerados em: a) derivação parassintética, que ocorre quando se associa mais de um tipo de afixo simultaneamente à base (ex. esclarecer); b) derivação conversiva, que ocorre quando do emprego de um vocábulo de uma classe gramatical em outra (ex. querer- verbo e também usado como substantivo para nomear o desejo), também chamada de derivação imprópria por Basílio e c) a derivação siglada que é a substituição ou o uso de uma acronímia onde a base é ao mesmo tempo substantivo composto é próprio, formado a princípio

pelas iniciais do lexema que compõe a base (ex. FGTS), embora essa condição de ser formado pelas iniciais não seja uma condição exclusiva, podendo se admitir mesmo sílabas ou a junção de ambas (ex. FEBRABAN, SENAC).

Amálgama

Este tipo de formação também recebe a nomenclatura de blend, palavra-valise, cruzamento vocabular. Para Correia (2012) são unidades lexicais formadas por partes de outras palavras que se juntam formando uma palavra gráfica. Ex. aborrecente (aborrecer + adolescente).

Para Minussi e Nóbrega (2014) este mecanismo se dá por meio da sobreposição de segmentos fonológicos. Estas composições trazem as seguintes características sobre essas formações:

- a) Blends são formados por dois elementos com conteúdo semântico;
- b) Blends permitem as mesmas relações gramaticais expressas nos compostos, por exemplo: subordinação, atribuição e coordenação;
- c) Blends combinam as mesmas categorias gramaticais que um composto a fim de formar uma nova palavra, por exemplo: N+N ator-diretor/prostituta <prostituta + puta; V+V bate-volta /bebemorar <beber + comemorar; N+A ano novo /gayúcho <gay + gaúcho, etc.

Truncamento

O truncamento é considerado uma formação de palavra por meio de um tipo de abreviação, onde uma parte da sequência lexical, geralmente a final, é eliminada, conforme Alves (2007). Correia (2012) diz que esse processo é levado pela possibilidade da economia, pois torna a unidade mais facilmente memorizável e utilizável. O truncamento afeta geralmente unidades de quatro ou mais sílabas. Exemplo: euro capitalista (de europeu capitalista), niver (de aniversário), metrô.

O truncamento é também, segundo Villalva (2008 apud Said Ali, 1931, 1964), formado pela junção de constituintes sufixais, porém com a supressão do último constituinte, opondo-se assim aos casos de simples sufixação por justaposição de elementos.

Por sua vez, de acordo com Scher (2011), podemos classificar o truncamento

em sete tipos diferentes, de acordo com sua formação, a saber:

I- Este tipo corresponde a formas derivacionais ou compostionais, se realizando apenas os elementos mais encaixados da sua representação (noia de paranoia/ net de internet);

II- Correspondente apenas ao morfema inicial (fono de fonoaudiologia/ oftalmo de oftalmologia);

III- Se realiza por meio de parte de sua raiz correspondente com a manutenção de vogal presente na estrutura silábica, geralmente é uma palavra bimorfêmica (deprê de depressão/ refri de refrigerante)

IV- É o tipo mais comum de truncamento no português, sendo também uma palavra bimorfêmica, ou assim percebida pelo falante. Nesse tipo de formação, se preserva a raiz da palavra acrescentando-se a vogal -a. (reaça de reacionário/ portuga de português);

V- Também corresponde a uma palavra bimorfêmica ou assim interpretada pelo falante e se forma com a raiz ou parte dela com uma sequência vogal-consoante (VC) -a (s) ou -i(s) ou vogal- consoante-vogal (VCV)- u(ca) como em feijuca de feijoada/ mamis de mamãe;

VI- Conservar a consoante final da raiz. Pode ser com epêntese, neste caso com consoante oclusiva (Band (i) de Bandeirantes/ net (i) de internet).

Ou sem epêntese, com a consoante final licenciada por cordas como as líquidas e as vibrantes (mongol de mongoloide/ niver de aniversário);

VII- Correspondente a uma forma derivada, preservando a raiz até a consoante final e inserindo uma vogal, mesmo em casos em que na sílaba final não há proibição para o coda. (envase de envasamento/ encaixe de encaixamento)

Reduplicação

Rocha (2003) postula que a reduplicação é o processo que consiste na repetição da sílaba radical de um vocábulo.

Kedhi (2003) inclui na definição desse tipo de formação a conotação de carinho, figurando nos nomes de parentesco na linguagem infantil e nos hipocorísticos: papá (ou papai) / mamã (ou mamãe) / titio Lulu / Zézé. Também são notáveis os casos de redobro intensivo: Ela é linda, linda. Vou já, já. Assim como os casos em que o redobro se dá no substantivo repetido o caráter de aparente

adjetivo: Esse é o queijo queijo (ou seja, o queijo de verdade).

Esses exemplos nos demonstram que a reduplicação ou redobro apresenta um forte valor expressivo, integrando- se mais no campo da Estilística.

Criação de palavras

Apesar de ser um processo raro, a criação ou a formação de palavras do nada, sem nenhum tipo aparente de derivação ou relação com outras, pode ocorrer. De acordo com Correia (2012) e Rocha (2003), este processo tem um caráter assistemático e imprevisível. Tal característica justifica sua pouca produtividade uma vez que o funcionamento da memória lexical, na qual são armazenadas as palavras e as relações entre elas, é o que motiva a criação de um novo vocábulo. Quando o usuário da língua tem necessidade de criação ela se dá baseada nessas relações da memória lexical. A ausência desta memória e o uso de determinados componentes incomuns na língua para este tipo de formação dificulta a criação de palavras que estejam em desacordo com a motivação na construção de novas unidades.

5 CONCLUSÃO

Este estudo pretendeu observar a descrição do surgimento de novos vocábulos, ou o empréstimo de expressões oriundas de outros idiomas e a análise do seu processo histórico de formação, buscando apresentar conceitos das ocorrências destes fenômenos (neologismo, estrangeirismo e empréstimos linguísticos) na língua portuguesa, sua formação morfológica, significados e usos.

Uma possibilidade parece ser a tênue, porém marcante diferença entre estrangeirismo e empréstimo. No cenário atual podemos aferir que o estrangeirismo se apresenta como fenômeno mais produtivo em decorrência do acesso à internet e ao mundo globalizado. O estudo demonstra que o português tem uma tolerância à criação de novos vocábulos. Alguns mecanismos como a derivação, são especialmente produtivos e contribuem para o aumento e diversificação do léxico e estão à disposição dos falantes para a sua utilização.

Contudo, como análise sincrônica, cremos que embora em quantidade insuficiente para operar uma mudança radical na língua ou a extinção dela, estes fenômenos têm na sua divulgação uma chance maior de circulação, dada a presença em veículos cada vez mais atuais com alcances e abrangências não somente na pessoa que a consome, mas podendo alcançar várias comunidades outras pela interação social independente do período histórico ao qual estão inseridos.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo Criação lexical**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007. 93 p. (Princípios).
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. 204 p.
- BASÍLIO, Margarida. **Teoria Lexical**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004. 86 p.
- BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. 2. ed. ampl. e atualiz. pelo novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa**, Araraquara, v. 2, p. 81-118, 1998. Semestral.
- BRANCO, Sinara de Oliveira. **Diferenciais de poder e o empréstimo linguístico em traduções no Brasil**. *Antares*: Letras e Humanidades, Campina Grande, v. 3, n. 6, p.236-250, jul. 2011. Semestral.
- CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975. 264 p.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Dispersos**. Nova ed. rev. e ampl. Org. Carlos Alberto Falcão Uchôa. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010. 768 p.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CORREIA, Margarita. **Terminologia**: questões teóricas, métodos e projetos. Lisboa: Publicações Europa-américa, 1998. 256 p.
- CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola, 2012. 112 p. (Estratégias de ensino).
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: Uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2007. 216 p.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FIGUEIREDO, Cândido de. **Estrangeirismos: resenha alfabética e crítica de centenares de vocábulos e locuções estranhas indevidamente usadas em nossa linguagem oral e escrita**. 5. ed. v. 1. Lisboa: Clássica, 1938.
- HOUAISS, Antônio. **O português no Brasil**. Rio de Janeiro: UNIBRADE, 1985.

- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- KEHDI, Valter. **Formação de palavras em português.** 3. ed. São Paulo: Ática, 2003. 70 p. (Princípios).
- LEÃO, Duarte Nunes de. **Origem da língua portuguesa.** Lisboa: sem editora, 1606. Disponível em: <http://purl.pt/50>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- LEÃO, Duarte Nunes de. **Ortografia e origem da língua portuguesa. Introdução, notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu.** Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MACHADO, José Pedro. **Estrangeirismos na língua portuguesa.** Lisboa: Editorial Notícias, 1988/1997. 105 p.
- MOTTA, Fernando Claudio Prestes. **A cultura organizacional e Cultura Brasileira.** São Paulo, Atlas, 1997. 325 p.
- MINUSSI, Rafael Dias; NÓBREGA, Vitor Augusto. **A interface sintaxe-pragmática na formação de palavras: avaliando os pontos de acesso da enciclopédia na arquitetura da gramática.** : avaliando os pontos de acesso da Enciclopédia na arquitetura da gramática. **Veredas: Sintaxe das línguas brasileiras**, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 1-24, 2014. Bianual. Disponível em: http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/07/09-Minussi_Nobrega-1.pdf. Acesso em: 15 mar. 2022.
- RIBEIRO, Hilda Morais do Paraizo; KLEIN, Marta Virgínea Machado. A língua em constante evolução. **Revista Eletrônica**, Ibaiti, v. 01, p. 1-11, 2010. Disponível em: uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170601125559.pdf. Acesso em: 15 abr. 2022.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral.** 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2007. 278 p.
- SCHER, Ana Paula. Formas Truncadas em Português brasileiro e Espanhol Peninsular: descrição preliminar. : Descrição Preliminar. **Revel: Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, [s.l], v. 5, p. 1-19, 2011. Semestral. Ed. Especial. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_5_formas_truncadas_em_portugues_brasiliero_e_espanhol_peninsular.pdf. Acesso em: 20 mar. 2022.
- VILLALVA, Alina. **Estruturas morfológicas:** unidades e hierarquias nas palavras do português. Lisboa: Dicemto, 1995. 423 p.